

SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM ANDAMENTO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UEL

2024

2^a edição

Dia 06 de
dezembro

Apresentações
Arguições

Das 9h15
às 17h00

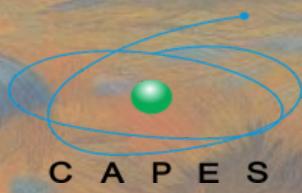


PPGL

Programa de
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA



Universidade Estadual de Londrina
Centro de Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Letras
Rodovia Celso Garcia Cid (PR 445), Km 380 – Campus
Universitário – Caixa Postal 10.011 – CEP 86057-970
Londrina/PR

2^a edição de 2024
v. 1, n. 2

Seminário de Dissertações
e Teses em Andamento

Caderno de
Resumos do
SEDA

Periodicidade:
semestral
06.12.2024

REALIZAÇÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

COORDENAÇÃO

LAYSÁ L. S. BERETTA
GUSTAVO RAMOS DE SOUZA
REGINA CÉLIA DOS SANTOS ALVES

E-MAIL

SEDALETRAS@GMAIL.COM

EXPLORADORES

COMISSÃO

AMANDA DAMÁSIO TEIXEIRA
ANA CRISTINA PEREIRA
ANA CARLA DA SILVA LIMA
BÁRBARA R. ALMEIDA TREVISAN
CAIO JOSÉ FONTEQUE GASPAR
GABRIEL VIRUEZ DA SILVA
ISADORA ZURLO NOGUEIRA
JULIANA DA SILVA BELLO
LETÍCIA PALAZZIO
LUCÉLIA CANASSA
KAWANE ISABELY PEREIRA
MATHEUS WILLIAN MIGOTTO
RAPHAELA DA SILVA E SOUZA

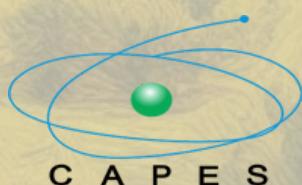


PPGL

Programa de
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA





03

APRESENTAÇÃO

07

CADERNO DE
RESUMOS

04

CRONOGRAMA
DE ARGUIÇÕES

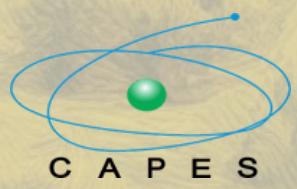


PPGL

Programa de
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA



CAPES

O SEDA,

Seminário de Dissertações e Teses em Andamento,

é uma atividade do Programa de Pós-Graduação em Letras regularmente ofertada a cada semestre. É a oportunidade para que mestrando(as) e doutorando(as) exponham os trabalhos em andamento, de forma que os outros(as) alunos(as) possam conhecer os trabalhos de seus(suas) colegas. O formato é o de apresentação de resultados parciais da pesquisa pelo(a) mestrando(a) ou pelo(a) doutorando(a), acompanhado(a) de seu(sua) orientador(a). Esta exposição é articulada com comentários críticos efetuados normalmente por outro(a) docente do PPGL, que atua como debatedor(a). É atividade obrigatória para discentes matriculados(as) em Colóquio de Pesquisa, observado o fato de que alunos(as) de mestrado em primeiro semestre de matrícula participam do SEDA como ouvintes, sem apresentar trabalhos.

A participação dos(as) demais mestrando(as) e doutorando(as) do PPGL, como ouvintes, é importante e bem-vinda. A participação dos(as) bolsistas escalados(as) para a comissão é obrigatória na execução e no acompanhamento do evento.



O SEDA 2024/2 será presencial e ocorrerá na Sala de Eventos do CCH nos períodos matutino e vespertino.

Desejamos um excelente evento a todos(as)!

Comissão organizadora.

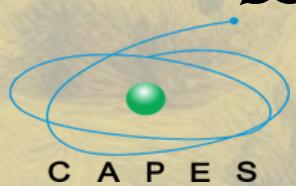
03



PPGL
Programa de
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA



CRONOGRAMA DE ARGUÇÕES

sexta / 06.12.24

09h15-09h30

ABERTURA

09h30-09h55

Aluna: Érica Alessandra Paiva Rosa
Orientadora: Suely Leite
Arguidora: Maria Carolina Godoy

09h55-10h20

Aluna: Bárbara Roberta Almeida Trevisan
Orientadora: Suely Leite
Arguidora: Maria Carolina Godoy

10h20-10h40

Aluna: Gabriela Ferraz Baptista Januário
Orientadora: Maria Carolina Godoy
Arguidora: Suely Leite

10h40-11h00

CAFÉ DA MANHÃ

11h00-11h25

Aluna: Letícia Palazzio
Orientadora: Ellen Mariani da Silva Dias
Arguidor: Telma Maciel da Silva

11h25-11h50

Aluna: Kawane Isabely Pereira
Orientadora: Telma Maciel da Silva
Arguidora: Regina Célia dos Santos Alves

11h50-14h30

INTERVALO ALMOÇO

04

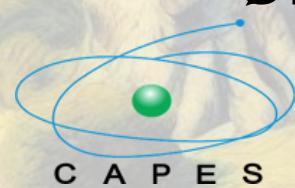


PPGL

Programa de
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA



CRONOGRAMA DE ARGUÇÕES

sexta / 06.12.24

14h30-14h55

Aluna: Fernanda Aparecida de Freitas
Orientador: Alamir Aquino Corrêa
Arguidora: Cláudia Camardella Rio Doce

14h55-15h20

Aluno: Giovane Sgarbossa Mossambani
Orientadora: Cláudia Camardella Rio Doce
Arguidora: Laysa Beretta

15h20-15h40

Aluno: Caio José Fonteque Gaspar
Orientadora: Regina Célia dos Santos Alves
Arguidor: Miguel Heitor Braga Vieira

15h40-16h00

CAFÉ DA TARDE

16h00-16h25

Aluna: Vivian Batista Gombi
Orientadora: Cláudia Camardella Rio Doce
Arguidor: Frederico Garcia Fernandes

16h25-16h45

Aluna: Amanda Maria Damasio Teixeira
Orientador: Frederico Garcia Fernandes
Arguidor: Gustavo Ramos de Souza

16h45

ENCERRAMENTO

05



PPGL
Programa de
Pós-graduação em Letras

 UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRIÑA

 CAPES

SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E TESES
EM ANDAMENTO DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UEL

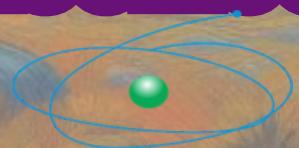


CADERNO DE
RESUMOS



PPGL
Programa de
Pós-graduação em Letras

 UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRIÑA

 CAPES



UMA SANGRIA EM PERFORMANCE: A (RE)CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO BRASIL PELA POÉTICA FEMINISTA DECOLONIAL DO SLAM

Érica Alessandra Paiva Rosa (Doutorado)

Suely Leite (Orientadora)

7º semestre – Previsão de defesa: jun/2025

Nesta pesquisa, proponho uma análise da poesia de autoria feminina produzida no circuito dos slams (campeonatos de poesia falada) brasileiros, em especial o trabalho da slammer Luiza Romão que contempla o livro “Sangria” (2017) e a apresentação de seus poemas nos campeonatos. Os slams são espaços de resistência discursiva nos quais pessoas que por muito tempo foram representadas pelos outros – como as mulheres – assumem o controle da palavra, por vezes, contestando a história contada pelo homem branco cisheterossexual. Os poemas recitados nos campeonatos apresentam reflexões sobre as situações que as pessoas vivenciam e as formas como elas se representam em meio a tal conjuntura. Assim, é comum que as poetas abordem assuntos relacionados ao contexto político nacional, à violência, ao racismo, às questões de gênero e de classe, à sexualidade, aos relacionamentos abusivos, dentre outros temas diversos. Com tais abordagens, as poetas reivindicam respeito, direitos e cidadania, além de provocar seus interlocutores a uma decolonização do pensamento. De acordo com Mignolo (2017), a colonialidade é um padrão colonial de poder que justifica o uso da violência em favor de promessas de progresso e desenvolvimento. Compreendo que a colonialidade nasce nos processos de colonização e perdura até os dias atuais, orientando o poder a partir de relações hierárquicas como o racismo, a classe social, o patriarcado, a religiosidade e a organização de gênero, por exemplo. Já a decolonialidade é definida por Mignolo (2017) como um modo de pensar desvinculado das ideias ocidentais, portanto, desenvolvido de forma localizada na América Latina e no Caribe a partir da experiência vivida por seus povos. Assim, os processos de decolonização do pensamento propõem outras leituras da história e de sua influência nas relações sociais contemporâneas, para identificar como as estruturas hierárquicas de poder persistem ao longo do tempo e como é possível romper com tais formas de controle ao construir um pensamento localizado que oriente as práticas políticas. Nesse contexto, discuto como a poética do slam constrói representações sobre as mulheres brasileiras e investigo aspectos que a caracterizam como uma literatura feminista decolonial que reconstrói a história do Brasil pela leitura das mulheres. Para isso, escolhi trabalhar com o livro “Sangria” (2017), de Luiza Romão, criado concomitantemente à atuação da poeta nos slams. Com design de Daniel Minchoni, fotos de Sérgio Silva, prefácio de Heloisa Buarque de Hollanda e tradução de Martina Altalef, o livro é apresentado nas línguas portuguesa e espanhola unindo as materialidades do poema e da fotografia para recontar a história do Brasil pela perspectiva de um útero (construído esteticamente na forma do livro e no conteúdo dos textos). Composto por 28 fotos e 28 poemas organizados em 6 capítulos – Genealogia, Descobrimento, Tensão pré-menstrual, Corte, Ovulação e Menstruação – e



lido no formato de um calendário, o livro é construído em torno de um ciclo menstrual atravessado por acontecimentos históricos brasileiros. “Sangria” propõe uma compreensão antiessencialista da formação do Brasil, questionando e desconstruindo os conceitos normativos e homogeneizantes, assim como os estereótipos traçados pela colonialidade. Tal posicionamento dialoga intimamente com os feminismos de política decolonial que constroem propostas a partir das experiências (Curiel, 2017), de modo que a teoria embasa as ações e as práticas políticas de determinado grupo ou movimento. Por meio de “Sangria” é possível refletir sobre a construção identitária das mulheres em um país colonizado e as relações entre a modernidade, a colonialidade e o capitalismo que atualizam as opressões e sustentam as hierarquias no Brasil contemporâneo. Sobre a estrutura da tese, o texto está organizado em três capítulos. O primeiro deles é formado por quatro seções. Inicialmente, abordo a origem do slam, suas características e expansão pelo mundo. Em uma segunda seção, apresento a chegada do slam ao Brasil, seu desenvolvimento e organização nacional, com atenção à participação das mulheres nessa trajetória. Na terceira seção, investigo algumas configurações do movimento que dialogam com propostas decoloniais, como a subversão da linguagem, a expressão de saberes via performance, a popularização da poesia, a produção e o compartilhamento de conhecimentos e o protagonismo coletivo. E, na quarta seção discuto como a juventude brasileira encontrou no slam um espaço para a expressão de suas identidades e como a expectativa do público por debates sócio-políticos influencia nos temas abordados nos poemas. O segundo capítulo da tese constrói caminhos para a análise da poética das mulheres brasileiras no slam. Diante das características dessa poética, proponho um percurso de análise decolonial e feminista como possibilidade de construir uma crítica literária que contempla: a subjetividade, a experiência e a identidade de quem escreve, a autoria como parte do texto, a presença do corpo na escrita e a produção literária em um contexto de coletividade, dentre outros elementos. Considerando os locais geopolíticos e os corpos-políticos (Bernardino-Costa e Grosfoguel, 2016) que enunciam a poética do slam, na primeira seção do segundo capítulo discuto porque slammers definem a sua produção como uma literatura marginal e apresento características que colaboram para isso. Na segunda seção, construo um percurso de expansão da poética do slam para demonstrar a sua amplitude e íntima relação com o livro. Mostro como a poesia criada por slammers extrapola os limites da oralidade, assume outras roupagens em produtos literários, passa por processos de publicação independente e coletiva, selos literários, grandes editoras, antologias históricas, renomados prêmios, livros didáticos e provas de vestibulares reconhecidos. A partir de trabalhos de diferentes mulheres, demonstro como as slammers vem conquistando espaços de legitimação literária com uma poética que denuncia violências estruturais na sociedade brasileira. Na terceira seção, contextualizo o surgimento do feminismo decolonial na América Latina e apresento alguns conceitos que dialogam intimamente com os temas abordados na poética das slammers. Compreendendo que o processo de construção identitária é influenciado pela colonialidade que propõe imaginários específicos sobre as pessoas os quais hierarquizam os modos de perceber o mundo. Nessa conjuntura, o campo da teoria decolonial investiga as diferentes facetas



da colonialidade, como a da natureza, do ser, do saber, do gênero, da linguagem e do poder, dentre outras. Assim, as leituras da pesquisa se debruçam sobre esses recortes, em especial, o conceito da colonialidade do gênero. Segundo Lugones (2008), o gênero é uma criação do sistema moderno/colonial que impõe a dicotomia hierárquica masculino/feminino, o dimorfismo biológico e a organização patriarcal e heterossexual das relações sociais como as únicas opções de organização do gênero dentro desse sistema. Assim, conforme o Ocidente colonizou os países do Sul, ele também disseminou suas formas de organização, implantando modelos de corpos e de comportamentos classificados como corretos e incorretos. Logo, os ideais de gênero e de sexualidade contemporâneos nascem de uma hierarquização que se produz na colonialidade. A partir da crítica feminista decolonial, discuto como a poética elaborada por slammers questiona a narrativa oficial sobre a história do Brasil e reescreve essa história oferecendo um repertório crítico sobre: as experiências de ser mulher, a sociedade brasileira e o modus operandi da colonialidade em sua constituição. Para isso, analiso trechos dos poemas “A menina que nasceu sem cor”, de Midria, e “Era uma vez um Brasil conservador”, de Bell Puã. Dessa forma, demonstro que há um projeto literário, estético e político de caráter feminista decolonial, desenvolvido por diferentes mulheres no cenário do slam brasileiro. O terceiro capítulo está em fase de escrita, ele discutirá “Sangria” como uma publicação que compõe tal projeto literário delineado no segundo capítulo. Assim, apresentarei as relações da poeta Luiza Romão com o slam e a construção de seu livro “Sangria”, promovendo discussões sobre o processo de publicação independente da obra. Além disso, realizarei a análise literária decolonial dos poemas do livro e suas respectivas apresentações no slam registradas em vídeo, das fotografias e do design do livro, considerando sua construção temática, estética e performática. A análise buscará apontar as formas de violência contra a mulher denunciadas nos poemas e a reescrita da história do Brasil, a partir de fatos históricos tratados e reinterpretados nos textos, em diálogo com o feminismo decolonial, a colonialidade de gênero, a performance e o corpo. Para os estudos sobre o slam, utilizo como referencial teórico: D’Alva (2011), Romão (2022), Freitas, Peregrino e Patrocínio (2022, 2023). Sobre a identidade: Bauman (2005), Ferrara (2020) e Somers-Willett (2009). Sobre a decolonialidade: Mignolo (2008; 2014; 2017), Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016) e Restrepo e Rojas (2010). Sobre o feminismo decolonial: Lugones (2008, 2014), Curiel (2019, 2020, 2021), Vergès (2017, 2019), Hollanda (2019, 2020), dentre outras. Sobre a crítica literária: Moraes e Silva (2021). Sobre a literatura marginal: Rosa e Leite (2023); Nascimento (2009) e Ferréz (2005). Sobre poesia, performance e oralidade: Aguilar e Câmara (2017), Zumthor (1997, 2002) e Martins (2003).





BIBLIOGRAFIA

AGUILAR, Gonzalo; CÂMARA, Mario. **A máquina performática**: a literatura no campo experimental. Trad. Gêneze Andrade. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSFOGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado** (UnB. Impresso), Brasília, v. 31, n. 1, p. 15-24, jan./abr. 2016.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas desde o feminismo decolonial. In: MELO, Paula Balduino de *et al.* (org.). **Descolonizar o feminismo**: VII Sernegra. Brasília: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, 2019, p. 32-51.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.) **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

CURIEL, Ochy. Las Claves de Ochy Curiel. Feminismo decolonial. Entrevista de Ochy Curiel para o Centro de Iniciativas de Cooperación al Desarrollo. **CICODE UGR**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7ZSHqvKLANQ>. Acesso em: 09 mar. 2021.

D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o *poetry slam* entra em cena. **Synergies Brésil**, n. 9, 2011, p. 119-126.

FERRARA, Jéssica Antunes. Performance e política no poetry slam: um olhar feminista-decolonial. **Criação & Crítica**, n. 28, dez. 2020.

FERRÉZ. Terrorismo Literário. In: FERRÉZ. **Literatura marginal**: talentos da periferia. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

FREITAS, Daniela S.; PEREGRINO, Miriane; PATROCÍNIO, Paulo R. T. do. Dossiê poetry slam: produção, circulação e recepção – Parte 1. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, ano XXVI, n. 49, mai./ago. 2022.



FREITAS, Daniela S.; PEREGRINO, Miriane; PATROCÍNIO, Paulo R. T. do. Dossiê poetry slam: produção, circulação e recepção – Parte 2. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, ano XXVII, n. 51, jan.-abr./2023.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LUGONES, María. Colonialidad y Género: Hacia un feminismo descolonial. In: MIGNOLO, Walter (org.). **Género y Descolonialidad**. Buenos Aires: Del signo, 2008.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. Trad. Juliana Watson e Tatiana Nascimento. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3), set./dez. 2014, p. 935-952.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar: 2020. p. 52-83.

MARTINS, Leda. **Performances da oralitura**: corpo, lugar de memória. Letras, Santa Maria. n. 26, jun. 2003, p. 63-81.

MIGNOLO, Walter (org.). **Género y Descolonialidad**. Buenos Aires: Del signo, 2008.

MIGNOLO, Walter (org.). Rumo a um feminismo descolonial. Trad. Juliana Watson e Tatiana Nascimento. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3), set./dez. 2014, p. 935-952.

MIGNOLO, Walter *et al.* **Género y Descolonialidad**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014.

_____. **Desafios decoloniais hoje**. Trad. Marcos Jesus de Oliveira. Epistemologias do sul, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

MORAES, Paulo Eduardo Benites de; SILVA, Patrícia Pereira da. Slam poetry: entre os impasses da crítica e da criação. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 24, n. 1, p. 42-60, jan./mar. 2021.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2009.





RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. **Inflexión decolonial**: fuentes, conceptos y cuestionamientos. Popayán: Universidad del Cauca, 2010. Colección Políticas de la alteridad.

ROMÃO, Luiza. **Microfone em chamas**: slam, voz e representação. 2022. 232 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

ROMÃO, Luiza. **Sangria**. São Paulo: Edição do Autor – Selo do Burro, 2017.

ROSA, Érica A. P.; LEITE, Suely. O revide da língua: a decolonização do pensamento na poética do slam. **Terceira Margem**, v. 27, n. 51, jan./abr. 2023, p. 137-158.

SOMERS-WILLET, Susan. B. A. **The Cultural Politics of Slam Poetry**: race, identity and the performance of popular verse in America. Michigan: Ed. The University of Michigan Press. 2009.

VERGÈS, Françoise. **Le Ventre des femmes**: Capitalisme, racialisation, féminisme. Paris: Albin Michel, 2017.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Trad. Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naif, 2002.



A AUTORIA FEMININA NA *FOLHA DE LONDRINA*: O FEMINISMO POSSÍVEL

Bárbara Roberta Almeida Trevisan (Mestrado)
Suely Leite (Orientadora)
3º semestre – Previsão de defesa: jul/2025

A trajetória das mulheres e suas lutas é atravessada por diversas relações sociais e manifestações que podem artísticas ou não. Uma dessas formas é a participação feminina na imprensa. Como ferramenta de discussão e reivindicação de direitos femininos, podemos citar a imprensa que já em meados do século XIX assumia papel de extrema importância entre o discurso das mulheres e o da sociedade. Nesse sentido, podemos citar alguns jornais, como: *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*, fundado em 1889 por Francisca Senhorinha Motta Diniz, na cidade de Campanha da Princesa, Minas Gerais, e *A família: jornal litterario dedicado à educação da mãe de família*, criado por Josefina Álvares de Azevedo, na cidade de São Paulo, em 1888. Ambos são exemplos de como a imprensa pode estar engajada com a defesa dos interesses das mulheres. O próprio nome escolhido para o periódico *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino* já aponta para a perspectiva da mulher sobre a república, como se esse novo tempo pudesse ser um sinal de liberdade do estado de submissão masculina na qual a mulher se encontrava. É nesse periódico que aparecem as primeiras reivindicações mais incisivas pelo sufrágio feminino. Nesse sentido, podemos pensar nesse jornal como um exemplo de imprensa feminista. Já o periódico *A família: jornal litterario dedicado à educação da mãe de família*, produzido e direcionado às mulheres, apresentava propostas vinculadas aos interesses das mulheres, sobretudo no que tange à educação. Também podemos considerá-lo um exemplo de imprensa feminista, já que por muito tempo a educação não foi um direito natural da mulher como era para o homem. É importante citar também a participação de mulheres em periódicos que não eram necessariamente fundados por mulheres, mas que de alguma forma abria espaço para elas. É o caso de Nísia Floresta e Júlia Lopes de Almeida. Havia alguns periódicos que tinham as mulheres como público ideal, no entanto, eram fundados e dirigidos por homens. Nísia Floresta, em 1831, começou a escrever para *O Espelho das Brasileiras*, jornal editado em Recife. Em 30 publicações, todas com Floresta como redatora, o periódico expunha as condições precárias das mulheres e defendia a instrução moral e cívica delas. Júlia Lopes de Almeida iniciou sua vida jornalística colaborando, esporadicamente, com crônicas para a *Gazeta de Campinas*, em São Paulo, em 1881. Trabalhou no jornal *O país* escrevendo a coluna “Dois dedos de prosa” por mais de 30 anos. É essa participação da mulher na imprensa que nos motivou a fazer essa pesquisa. Na obra organizada por Constância Lima Duarte, publicada em 2016 e 2023,



respectivamente com os títulos de *Imprensa feminina e feminista no Brasil – Volume 1: Século XIX* e *Imprensa feminina e feminista no Brasil – Volume 2: Século XX (1900-1949)*, é perceptível que no Estado do Paraná a participação das mulheres em jornais estava atrelada à mídia geral, como, por exemplo, na *Gazeta do Povo*. A partir dessa escassez de informações sobre a participação das mulheres na imprensa paranaense, decidimos analisar um periódico local: a *Folha de Londrina* e suas publicações assinadas por mulheres jornalistas no período de 1975 a 1980. A escolha do recorte temporal se justifica por ser um período em que as lutas feministas estavam em evidência no país e também pelo contexto político da época. Vale lembrar que, no período da ditadura militar, diversos jornais independentes foram porta-vozes de um discurso revolucionário. É o caso do *Brasil Mulher* que buscava debater o feminismo com a sociedade em geral, não apenas com mulheres. Entre outros assuntos, o periódico foi o primeiro a falar sobre anistia e denunciar violência e abuso sexual contra presas políticas. O periódico foi fundado em Londrina por Joana Lopes, jornalista da *Folha de Londrina* e ex-professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL); após a primeira edição, passou a ser elaborado em São Paulo. A *Folha de Londrina* foi fundada em 1948, em uma cidade que ainda não tinha completado 15 anos, entretanto, já apresentava relevância regional e crescia junto com a cidade, destacando-se na região norte do Estado do Paraná em uma época de significativo crescimento econômico em consequência da cultura cafeeira. Algumas jornalistas que atuaram nesse periódico no recorte temporal escolhido assinavam matérias que discutiam desde a educação apropriada a uma criança até o uso de pílulas anticoncepcionais. Vez ou outra, encontramos matérias polêmicas para a época como a possibilidade de um serviço militar obrigatório a mulher ou definições do que é ser mulher para pensadoras relevantes como Simone de Beauvoir. A partir da coleta de exemplares da *Folha de Londrina*, constatamos que havia uma espécie de caderno que circulava semanalmente, aos domingos, que recebia o título de “Folha feminina”. Nela, duas jornalistas que assinam a folha feminina em períodos diferentes chamam atenção: primeiro, Christiani Lourenço (em outros momentos chamada de “Christiani Helena Lourenço” e até mesmo “Christiani Helena de Moraes”), e a segunda é a jornalista Rose Arruda, que ficou mais tempo no jornal e na seção feminina. As publicações assinadas por elas tratavam da moda da época, da educação de maneira geral, com conselhos de beleza, receitas, dicas de limpeza e tantos temas comuns do dia a dia das mulheres. Algumas vezes, apareciam reportagens que falavam diretamente sobre o feminismo, como é o caso de uma matéria escrita por Rose Arruda sobre o Movimento de Libertação da Mulher (*women's lib*), em que podemos encontrar uma pequena biografia das autoras Betty Friedan, Gloria Steinem e Kate Millett. Para analisar esse material, estruturamos a dissertação em três capítulos: o primeiro trata da história da imprensa feminina e feminista no Brasil; o segundo aborda os jornais paranaenses e a participação das mulheres nesses periódicos, inclusive o apagamento sofrido por algumas delas; e o terceiro concentra-se nas análises



de algumas matérias do caderno “Folha feminina”. Nosso objetivo é apontar a pluralidade de temas associados à figura feminina, desde os mais comuns (moda, beleza), passando por temas polêmicos (sexualidade, controle de natalidade) até temas mais ligados à história do feminismo e, com isso, colaborar para os estudos críticos sobre a participação da mulher na imprensa.

BIBLIOGRAFIA

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 225, 2003. DOI: 10.1590/S0104-026X2003000100013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100013>. Acesso em: 01 nov. 2024.

FRANÇA, Aline de Souza de Souza Araújo. Imprensa de mulheres, imprensa para instruir mulheres: a atuação de Francisca Senhorinha da Motta Diniz no periódico O sexo feminino. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 891–908, 2021. DOI: 10.12957/riae.2021.63435. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/63435>. Acesso em: 01 nov. 2024.

CAMPOI, Isabela. Candeloro. O livro "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. **História (São Paulo)**, v. 30, n. 2, p. 196–213, dez., 2011.

TAVEIRA, Caroline Gonçalves. Quem coloca a bunda em Caras não coloca a cara em Bundas – Um resgate da Imprensa Alternativa no Brasil. **Revista Alterjor**, São Paulo, Brasil, v. 10, n. 2, p. 95–109, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88325>. Acesso em: 11 nov. 2024.

CARDOSO, Elizabeth. Imprensa feminista brasileira pós-1974. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], p. 37, 2004. DOI: 10.1590/S0104-026X2004000300004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000300004>. Acesso em: 10 nov. 2024.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil**. Volume 1: Século XIX. [S. l.: s. n.], 2016.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil**. Volume 2: Século XX (1900-1949). [S. l.: s. n.], 2023.





TRAJETÓRIAS BRILHANTES: LITERATURA INFANTOJUVENIL AFRO-BRASILEIRA E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Gabriela Ferraz Baptista Januário (Mestrado)

Maria Carolina Godoy (Orientadora)

3º Semestre – Previsão de defesa: jul/2025

Este trabalho tem como objetivo principal a análise de obras infantojuvenis que retratam lideranças de mulheres negras brasileiras. Busca-se observar de que modo a linguagem verbal e não-verbal retrata a história dessas mulheres, construindo novos modelos para leitores e leitoras em formação, sobretudo as crianças negras. Além disso, essas narrativas promovem a visibilidade dessas líderes apagadas pela história oficial. Para tanto, houve o recorte, em primeiro lugar, da editora, uma vez que especificamente a editora Mostarda dedica-se a essa publicação; em segundo momento, houve a seleção das obras a serem analisadas, a saber, *Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro*. As duas primeiras fazem parte do campo da escrita literária, enquanto as três últimas são pensadoras vinculadas aos campos da história, antropologia e filosofia. Lélia Gonzalez é considerada uma autora fundamental para os estudos do feminismo negro no Brasil. Essa seleção pretende, por um lado, refletir sobre a importância dessas representações identitárias na literatura infantojuvenil e, por outro, retomar estudos críticos relevantes sobre essas autoras para tratar dessas lideranças. Alguns conceitos serão postos em destaque como linhas de reflexão que atravessam os textos: literatura afro-brasileira, identidade, resistência, feminismo e letramento negro. Localizar a literatura infantojuvenil afro-brasileira, no contexto da literatura e da educação étnico-racial, faz-se necessário para a compreensão mais ampla da importância dessas obras, na produção voltada ao leitor em formação. A literatura infantojuvenil afro-brasileira é um campo que reflete a cultura, as tradições e as experiências da população negra no Brasil. Esta literatura não apenas enriquece o acervo literário do país, mas também desempenha um papel crucial na formação da identidade cultural e na valorização da herança africana nos leitores. Possui papel essencial no processo de construção de identidade das crianças. Fornecer histórias que apresentam uma variedade de personagens, contextos e experiências, permite que a criança desenvolva criatividade, imaginação e sua identidade. Além disso, nos anos iniciais do ensino fundamental, ou seja, quando a criança está com a idade entre os 6 a 11 anos, ela vive várias transformações, dentre elas a criação da visão crítica e de suas próprias opiniões (Moraes, 2020). A literatura infantojuvenil promove um espaço seguro para que as crianças explorem realidades e complexidades da vida e da sociedade. É com a literatura que são facilitadas discussões sobre moralidade, ética, e o desenvolvimento do senso crítico. Sendo assim, além do entretenimento, a literatura



infantojuvenil educa, acolhe, e desenvolve o emocional, contribuindo significativamente para o seu processo de identidade. Ao pensar sobre a temática de representação do corpo negro na literatura, principalmente na literatura infantojuvenil afro-brasileira, e o impacto disso na saúde mental e autoestima de uma criança negra, tem muito significado principalmente quando se reflete sobre as marcas que a segregação e a exclusão social dentro das escolas deixam nas crianças, iniciando a introjeção de características antissociais devido ao medo de serem rejeitadas nesse grupo social (Oliveira *et al.*, 2021). Sendo assim, a literatura infantojuvenil afro-brasileira desempenha o papel de refletir a cultura, tradições e experiências da população negra e, ao mesmo tempo, incentiva a reflexão dos jovens leitores. A respeito do impacto do racismo na literatura não é de hoje que vemos na produção literária a condição do personagem negro ser colocado como inferior à do personagem branco. O *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, escrito por Monteiro Lobato, por exemplo, já expressava em sua narrativa o lugar do negro – como figura ilustrativa imaginária ligada ao que é estranho (Saci) ou como trabalhadora serviçal ou cozinheira (Tia Nastácia), enquanto o menino e a menina protagonistas (Narizinho e Pedrinho) eram tidas como espertas e inteligentes (Lajolo, 1998). Nesse sentido, notamos o racismo em uma estrutura, que se manifestava como se a cor determinasse o lugar social. Quando esta literatura é inserida na escola sem a devida problematização, as menções tendem a direcionar uma leitura equivocada das pessoas negras e seu papel na sociedade. Fato que justifica estudos que tragam outras perspectivas sobre a sociedade que inclua a diversidade. Ao discutir a importância da diversidade no espaço escolar, a autora Marília Pinto de Carvalho (2006) aborda as diferenças de gênero, cor e raça na educação brasileira. A autora destaca que meninos e meninas negros apresentam maiores taxas de evasão escolar e piores resultados acadêmicos em comparação com meninos e meninas brancos. Essa diferença se deve à intersecção de gênero e cor/raça, que resulta em uma experiência específica de discriminação e desigualdade de oportunidades. A autora conclui que é necessário adotar políticas educacionais que considerem as desigualdades de gênero e cor/raça para promover uma educação mais inclusiva e igualitária. É necessária, portanto, a inserção de livros que demonstrem e resgatem a beleza e as características do povo brasileiro sem inferiorizar qualquer etnia, mudar a visão e o ponto de vista, e não focar apenas na “coisificação” do ser negro. Dessa forma, a presente pesquisa propõe a análise de cinco obras da Editora Mostarda, que possui uma coleção de livros chamada *Black Power*, buscando relacionar a importância dessa literatura no processo de construção de identidade e visão do mundo. A coleção tem como objetivo promover a representatividade negra desde a infância, ajudando as crianças negras a perceberem que podem ocupar diversos papéis e serem inspiradas por grandes figuras negras desde cedo. Os livros são ilustrados de forma a colocarem em evidência a liderança de mulheres negras na formação brasileira crítica e literária, e contêm textos que narram a vida e a obra de personagens históricos internacionais, como Martin Luther King, Rosa



Parks, Nelson Mandela; e brasileiras, como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, que foram as obras escolhidas para construir o corpus da dissertação. Esses livros não apenas contam histórias de vida, mas também propõem uma ressignificação de valores e costumes sociais, abordando temas como racismo e outros preconceitos e intolerâncias. O objetivo da Editora, como seu *slogan* diz: “*Diversidade nas páginas, inclusão em cada história*”, é plantar a semente da transformação. São essas trajetórias brilhantes que oferecem narrativas e personagens que refletem suas próprias histórias, experiências e heranças culturais, em que crianças negras conseguem se ver protagonistas, construindo um desenvolvimento emocional e social de se enxergar no mundo de forma positiva. O estudo das personagens negras e sua relevância no contexto da literatura infantojuvenil afro-brasileira é realizado a partir de Debus (2017) e Godoy (2019 e 2023). Quanto às análises das ilustrações destacam-se Biazetto (2008) e Linden (2011). Essa representação entra no processo de uma educação antirracista, que dá voz ao ser negro dentro da literatura, e promove um senso de pertencimento e orgulho racial. Além disso, apresentam histórias de superação, coragem, resistência e inspiram as crianças negras a acreditarem no seu potencial, contribuindo para uma identidade positiva e resiliente. Fator que consequentemente trará empatia, compreensão e desconstrução de estereótipos negativos e preconceitos que foram por tantos anos alimentados. Para isso, busco utilizar os escritos das próprias autoras – Carolina Maria, Conceição Evaristo, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro – para refletir sobre a importância dessas trajetórias para o processo de construção de identidade de tantas crianças negras. Além disso, conceitos de identidade e representação cultural de Hall (2006); reflexões do corpo negro feminino em sociedade de Kilomba (2019), e as feridas que o racismo estrutural causa no corpo negro de Fanon (2008). Para outras reflexões, busco trazer estudos acerca do letramento negro de Nilma Lino Gomes (2005) e Neide A. de Almeida (2017). Acredito que o ideal da educação antirracista é essencial para a formação de adultos mais conscientes e sensíveis às questões de justiça social. Transformando, então, a literatura infantojuvenil afro-brasileira em uma ferramenta poderosa de transformação e construção de uma sociedade equitativa, em que todas as crianças, independentemente de cor, possam se reconhecer e se identificar, construindo uma visão de mundo mais justa.



BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Neide de. **Letramento racial**: um desafio para todos nós. Geledés, 2017.

BIAZZETO, Cristina. As cores na ilustração do livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é qualidade em ilustração infantil e juvenil**. São Paulo: DCL, 2008. p. 75-91.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo**: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. São Paulo: Instituto da Mulher Negra, 2010.

CARVALHO, Flávia Martins de. Gonzalez: Lélia Gonzalez. Campinas: Mostarda, 2023.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**: lendo Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Brás, Georgina Martins. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GODOY, Maria Carolina de. Literatura e afro-brasilidade: um percurso do afeto em narrativas infantojuvenis. In: FELDMAN, Alba Krishna Topan; MUNHOZ, Ruan Fellipe. (org.) **Perspectivas multiculturais e pós-coloniais**. Irrompendo a literatura convencional. Maringá: Trema, 2019a. p. 207-221.

GODOY, Maria Carolina de. Era uma vez... Infância, representação e afro-brasilidade no reino da Literatura infantojuvenil. **Revelli**, Universidade Federal de Goiás, v. 11, n. 1, 2019b. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/about>. Acesso em 10 de janeiro de 2021.

GODOY, Maria Carolina de. Retratos de meninas e de mulheres negras: afeto e pertencimento na literatura infantil. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Unigranrio, n. 54, 2022. Disponível em: Retratos de meninas e de mulheres negras: afeto e pertencimento na literatura infantil | de Godoy | Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades (unigranrio.edu.br). Acesso em 20 de set. de 2023.

GOMES, Nilma Lino et al. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal**, v. 10639, n. 03, p. 39-62, 2005.



HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano, 1968. Tradução Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LAJOLO, Marisa. A figura do negro em Monteiro Lobato. **Presença pedagógica**, v. 4, n. 23, p. 23-31, 1998.

LOBATO, Monteiro. **Histórias de tia Nastácia**. São Paulo: Brasiliense, 6a. ed., 1957.

LUIS, Rodrigo. **Sueli**: Sueli Carneiro. Campinas: Mostarda, 2022.

MALTESE, Maria Julia. **Beatriz**: Beatriz Nascimento. Campinas: Mostarda, 2022.

MORAES, Janaina Perpinelli. **A importância da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental I**. Bragança Paulista, 2020.

NILHA, Orlando. **Carolina**: Carolina Maria de Jesus. Campinas: Mostarda, 2019.

NILHA, Orlando. **Conceição**: Conceição Evaristo. Campinas: Mostarda, 2019.

OLIVEIRA, Clarice Maynarte *et al.* **Impacto do racismo na saúde mental da criança negra**: uma revisão de literatura. Brazilian Journal of Health Review, v. 4, n. 6, p. 28768-28782, 2021.

PINTO, Marília Carvalho. **O fracasso escolar de meninos e meninas**: articulações entre gênero e cor/raça. Cadernos Pagu, Campinas, n. 27, p. 73-99, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 abr. 2023.





O FEMININO COMO PROJETO LITERÁRIO DE ALINE BEI EM PEQUENA COREOGRAFIA DO ADEUS E O PESO DO PÁSSARO MORTO

Letícia Palazzio (Mestrado)
Ellen Mariany da Silva Dias (Orientadora)
3º semestre – Previsão de defesa: jul/2025

O projeto busca analisar os romances *Pequena coreografia do adeus* (2021) e *O peso do pássaro morto* (2017), da escritora brasileira Aline Bei, enquanto textos híbridos que combinam prosa e poesia. Por meio da exploração da visualidade da escrita nas formas de diagramação e nas escolhas tipográficas, a autora potencializa o jogo interpretativo das experiências das narradoras como mãe, filha e mulher, ao mesmo tempo em que expande os paradigmas do gênero romance. Para isso, cabe notar o diálogo entre o verbal e o visual, uma vez que as escolhas temático-formais da escritora auxiliam na construção de sentidos, principalmente nos aspectos ligados ao feminino, à feminilidade e à maternidade. Os estudos de Veneroso (2002), Morley (2003), Clüver (2019) e Martoni (2020) serão fundamentais para compreendermos um dos campos de interesse da intermidialidade, aquele que implica a percepção e a concepção, isto é, imagem e texto, numa relação que reafirma a origem visual da escrita que, no caso de Bei, é estendida no ato da leitura para além das funções comumente ligadas ao discurso literário. Sobre a forma romanesca, Bakhtin (1976) escreve que, além de ser um gênero em formação e, por isso, ainda inacabado, o romance apropria-se de outros gêneros, deslocando alguns e incorporando outros à sua própria construção. Partindo dessa premissa, compreendemos neste estudo que Bei, consciente da natureza híbrida e expansiva do romance, explora e desenvolve as suas possibilidades ao dialogar com outros gêneros, reafirmando a sua flexibilidade estrutural. A partir da compreensão de que as narrativas de Bei apresentam um caráter experimental, assumindo um lugar híbrido entre a prosa e a poesia, podemos dizer que a autora, na verdade, invade uma cultura dominada pelos protocolos obrigatórios e rígidos do livro e seus gêneros preestabelecidos. Por meio da prosa-poética, que traz elementos da poesia, como fica evidente pela diagramação das páginas e pela escrita em versos, notamos muita poeticidade em ambos os romances, há um lirismo que apela para recursos visuais, permitindo a desautomatização da percepção. Logo, por mais que, na ficha catalográfica, os livros estejam classificados como “romance”, o leitor não deve lê-los como um romance afinado aos modelos nascidos no final do século XVII e consolidados ao longo dos séculos XVIII e XIX. Isso porque Aline Bei interroga a própria linguagem, vai além da palavra impressa, mecânica, retomando a natureza visual das palavras escritas e fazendo com que as letras não passem despercebidas, pois não se trata de uma operação invisível, em que os olhos apenas seguem a linha no papel. Simon Morley (2003) explica que há quatro tipos de interação entre os signos verbais e os visuais, dentre elas, nós podemos encontrar em Bei o que ele define como *relação*



inter-mídia, em que “tanto a coerência quanto a distinção entre palavra e imagem são quebradas, e uma forma híbrida é produzida. Esta categoria enfatiza principalmente o fato de que a escrita é sem dúvida uma linguagem visual, ou seja, apela tanto ao olho quanto à mente” (p. 174). Dos espaçamentos, dos tamanhos tipográficos, da disposição das palavras no espaço da página é que emergem os significados, por isso, há uma conscientização da página como parte constituinte da narrativa. No que diz respeito a essa habilidade incorporada à linguagem na escrita de Bei, notamos que ela realiza, nos dois romances, uma exploração da visualidade da escrita. Segundo Veneroso (2002), há, a partir do século XX, um resgate da visualidade dos signos linguísticos e do espaço da página pelos poetas, muito por causa do movimento pendular na arte, que reata antigos vínculos existentes entre a palavra e a imagem. Nesse sentido, podemos dizer que Bei é uma autora que reafirma a origem visual da escrita, forçando-a a significar o que está além de suas funções convencionais. Por meio dos recursos gráficos, por exemplo, ela trabalha a linguagem de maneira integrativa, evocando ainda mais sentidos. Essa relação, segundo Veneroso (2002), não se dá como uma mera relação de influência, mas de diálogo. As protagonistas dos romances, por exemplo, subjugam-se nas relações interpessoais que estabelecem, prática identificada pelo próprio tamanho tipográfico das letras, como em “*eu invisível*” (Bei, 2021, p. 14) e “*eu nasci*” (Bei, 2021, p. 18), no *Pequena*, e os constantes vazios intencionais em *O peso*, entre tantos outros recursos poéticos e estéticos. Dessa forma, a escrita torna-se “não apenas um meio que transcreve a fala, mas uma realidade dupla, dotada de uma parte visual” (Veneroso, 2002, p. 82). De acordo com Voloshinov e Bakhtin (1976), além de não existir literatura sem sociedade, e vice-versa, também não há como separar a forma e o conteúdo de um texto. Dito isso, o intuito do primeiro capítulo deste trabalho, subdividido em dois tópicos, um para cada romance, é analisar a construção das personagens considerando a produtividade do emprego da forma como uma categoria de análise literária. Segundo Martoni (2020), essa não é, necessariamente, uma questão nova. Exemplo disso é que, ainda no século XIX e nas experiências realizadas pelas vanguardas da primeira metade do século passado, um conjunto de práticas literárias, prefácios e manifestos constituíram uma espécie de *prototeoria* dos efeitos da manipulação tipográfica do texto literário. Não obstante, as tecnologias digitais facilitaram as potencialidades expressivas dos livros nas impressões. Emprestamos de Martoni (2020), inclusive, algumas questões que nortearam o desenvolvimento desses capítulos, como: de que maneira os processos de manipulação tipográfica influem sobre os sentidos que construímos sobre um texto no ato da leitura? Como experiências de configurações visuais expandem as formas de produção de sentido no horizonte da ficção contemporânea? Dentro da concepção de que um personagem é uma imagem sintética das várias perspectivas através das quais ele nos é apresentado (Candido, 2007), a distribuição das palavras na página e a própria tipografia também contribuem para a construção da identidade das protagonistas. Além disso, em uma perspectiva histórica e social, podemos articular situações da narrativa que contribuem para possíveis discussões a respeito das representações das relações de gênero, principalmente em torno do casamento e dos ideais de feminilidade. A protagonista não nomeada de *O peso*, por exemplo, é vítima de um abuso sexual na





adolescência. A partir dessa violência, é como se ela morresse, sendo apenas um corpo que foi violado, sem nenhuma escolha. A narrativa torna-se cada vez mais densa, pois nasce Lucas, fruto desse estupro. Aos seus pais e ao Lucas, ela nunca contou sobre a noite em que foi estuprada. No entanto, isso não apagou as imagens e os traumas causados em sua vida, além dos sonhos deixados para trás. Segundo Solnit (2017): “a história do silêncio é central na história das mulheres” (p. 28). Isso porque, em uma sociedade patriarcal, o silêncio acaba por se tornar mais uma das condições que cercam a opressão feminina. A protagonista que não tem nome, além de simbolizar esse caráter universal de violência contra as mulheres, também reafirma o apagamento e o silenciamento dos quais é vítima. Em um sistema que impõe papéis de gênero, subjugando as mulheres e perpetuando o silêncio e a ideia de “sexo frágil”, visto que os homens se encontram em posição oposta, é reforçada a naturalização da violência de gênero. O patriarcalismo permite que o masculino se imponha diante do feminino de forma muito naturalizada. Há milênios, as mulheres são submetidas a um processo que as moldam psicologicamente. O Estado, apesar da suposta laicidade, continua se apoiando em preceitos religiosos e ideológicos para condenar social e criminalmente as mulheres que escolhem não ter filhos; a igreja tratou o controle feminino sobre a sexualidade com tanta impetuosidade quanto o Estado, tornando o aborto um pecado mortal, além de demonizar, até hoje, todas as formas de controle de natalidade e sexualidade não procriativa (Gomes, 2019, p. 11). Algo que une todas as mulheres, e que não é diferente nos dois romances de Bei, é que há uma opressão de gênero pelo sistema patriarcal e capitalista que interfere na forma como as mulheres percebem o seu valor. Foucault (1982) explica que o sujeito pode significar tanto alguém que está assujeitado, submetido, quanto o “eu” positivo que pensa a si mesmo. Assim, é como se tivéssemos uma corda sendo puxada nos dois lados. De um lado, a constituição de nós mesmas e de outro como somos assujeitadas pela sociedade. É nesse jogo que se inventa a identidade das protagonistas a ser analisada e comparada nos dois romances de Bei, que provocam uma crítica diante dos papéis de gênero e oferece uma voz autêntica para as experiências multifacetadas do feminino no cenário da literatura brasileira contemporânea. Sob a ótica dos temas supracitados, o foco para um próximo capítulo é realizar o diálogo entre os dois romances enquanto um projeto literário que marca um conjunto de procedimentos muito específicos da autora, mesmo que em apenas dois livros. O nosso propósito é perseguir a poética de Aline Bei, perscrutando os motivos, definidos como “unidades temáticas mínimas” (Tomachevski, 1976, p. 177), que permitem o cruzamento dos dois romances, tanto nos temas ligados ao feminino quanto na forma, que sustenta e alavanca o jogo interpretativo das experiências das personagens.



BIBLIOGRAFIA

BEI, Aline. **O peso do pássaro morto**. São Paulo: Editora Nós, Edith, 2017.

BEI, Aline. **Pequena Coreografia do Adeus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, A.; CASTELLO, J. A. (Orgs.). **A personagem de ficção**. 15. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007, p. 51-90.

CLÜVER, C. De ‘Iluminação mútua das artes’ a ‘Estudos de intermidialidade’. In: FIGUEIREDO, Camila A. P. *et al.* **Intermidialidade: Cinema e adaptação – Palavra e imagem – Transmidia(lidade)**. Montes Claros, MG: Unimontes, 2024. p. 12-29.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (org.). **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 231-249.

GOMES, Livia D. A origem do patriarcado: da veneração à opressão da mulher. **16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**, Brasília, v. 16, p. 1-13, 2019. Disponível em: <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/164>. Acesso em: 10 out. 2024.

MARTONI, Alex. O que vemos quando lemos? Tipografia como categoria de análise literária. In: FIGUEIREDO, Camila A. P. *et al.* **Escrita, som, imagem: leituras ampliadas**. Belo Horizonte (MG): Fino Traço, 2020. p. 83-100.

MORLEY, Simon. Introdução: palavras e imagens. In: FIGUEIREDO, Camila A. P. *et al.* **A intermidialidade e os estudos interartes na arte contemporânea**. Santa Maria (RS): UFSM, 2020. p. 169-182.

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TOMACHEVSKI, Boris. Temática. In: EIKHEMBAUM, B. **Teoria da literatura – Formalistas russos**. Trad. Ana Mariza Ribeiro Filipouski *et al.* 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1976. p. 169-204.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. **Caligrafias e Escrituras: Diálogo e Intertexto no Processo Escritural nas Artes do Século XX**. Belo Horizonte: C/ Arte, 2012.



A PROSTITUIÇÃO COMO PAISAGEM DAS GRANDES CIDADES: UMA LEITURA COMPARATIVA ENTRE *LUCÍOLA*, *A DAMA DAS CAMÉLIAS* E *BONEQUINHA DE LUXO*

Kawane Isabely Pereira (Mestrado)
Telma Maciel da Silva (Orientadora)
3º Semestre – Previsão de defesa: jul/2025

Considerada uma das profissões mais antigas, a prostituição sempre esteve presente na sociedade, suscitando o interesse de pesquisadores, escritores e artistas. Romances, pinturas e filmes retratam sua presença em diferentes culturas ao longo do tempo. No entanto, a partir do século XVII, devido à emergência da Revolução Industrial, houve o avanço da mecanização, o fortalecimento do capitalismo e expressão de novas dinâmicas de trabalho, ao passo que a figura da prostituta ganhou mais visibilidade nas grandes cidades. Beauvoir (1970) afirma que, com o processo de modernização, muitas mulheres deixaram o campo em busca de melhores oportunidades nas metrópoles; contudo, frequentemente, o sonho de um futuro promissor não se concretizava, e algumas viam na prostituição uma forma de sustento nos centros urbanos. Isso posto, o *corpus* desta pesquisa inclui os romances *Lucíola* (1862), de José de Alencar (1829-1877), representante do romantismo brasileiro, *A Dama das Camélias* (1848), de Alexandre Dumas Filho (1824-1895), autor francês, e *Bonequinha de Luxo* (1958), do escritor norte-americano Truman Capote (1924-1984). A partir dos romances expostos, busca-se compreender as representações da prostituição, analisando as obras de Alencar e Dumas Filho para representar o século XIX e, também, o livro de Capote no século XX, uma vez que, nesses textos, os autores apresentam protagonistas do meretrício que compartilham características semelhantes. Sendo assim, estas eram símbolos de modernidade, liberação dos costumes e práticas eróticas e sexuais, temas considerados impróprios e indecentes para as mulheres nos dois períodos. Ao mesmo tempo, essas personagens se distinguem em diversos aspectos, especialmente em relação à percepção dos narradores e especificidades de cada cidade, além das paixões postas de naturezas diferentes. O fato é que as três obras representam uma figuração da prostituição como enigma humano constantemente marcado pela dualidade, que será observado nos respectivos romances. Por meio deles, há de se perceber diferentes perspectivas sobre o meretrício em cada período histórico, o que se faz necessário considerar, além das relações econômicas e políticas, a alteridade como um traço definidor da mulher prostituída (Vieira, 2017). A prostituição já era marginalizada antes do século XIX, destinada ao prazer masculino e construída em oposição ao papel de esposa e mãe, contrapondo-se aos “valores de uma união sexual monogâmica, da família nuclear, da virgindade e da inata fidelidade feminina” (Rago, 1990). Não obstante, essa oposição persiste no pensamento contemporâneo. Naquela época, a diferença era que algumas



mulheres conseguiram alcançar um local de privilégio social e ganharam visibilidade como cortesãs, como ilustram Lúcia e Marguerite. Ambas as personagens, assim como as demais cortesãs da história, foram símbolos de *status* para qualquer homem que as tivessem, sendo vistas como uma ameaça à família burguesa. Além disso, nos romances (*Lucíola* e *A Dama das Camélias*, respectivamente), nota-se a construção de uma narrativa com caráter pedagógico, em que o narrador dialoga diretamente com o leitor, estabelecendo um “companheirismo fiel” e vai investindo certo tom de moralidade para expressar seus pontos de vista (Werneck, 1986). No caso de *Lucíola*, de forma mais evidente, busca-se construir uma pedagogia direcionada às leitoras, orientando-as sobre os ideais morais e sociais da época. Assim, este trabalho também visa compreender como a figura da cortesã é retratada na literatura e de que maneira influencia, ou não, o seu público leitor. Afinal, como mulheres livres, ainda que com suas limitações, as cortesãs serviam de exemplo para muitas moças. Para explorar melhor essa temática, serão utilizadas como base as autoras Susan Griffin (2003), Cláudia Gois dos Santos (2024) e Eliane Robert Moraes (2014, 2016). Durante o desenvolvimento do trabalho, outros autores e conceitos também contribuirão para compor o arcabouço teórico. Além disso, considerando que a figura da prostituta foi historicamente construída como um contra-ideal necessário, estabelecendo um limite à liberdade feminina e sendo alvo de críticas por muitas autoras feministas, serão evidenciadas Simone de Beauvoir (1970) e Mary Del Priore (2004) para organizar essas reflexões. A fim de aprofundar a compreensão sobre a presença de cortesãs em grandes centros urbanos, isto é, no Brasil e na França do século XIX, serão utilizadas as obras de Margareth Rago (1990, 2004), Laure Adler (1991) e Cristiana Schettini (2002). Nesse contexto, observa-se que, por volta de 1930, a figura da cortesã evoluiu para uma nova identidade: a prostituta de luxo. Com a crescente modernização, o ambiente que sustentava a cortesã desapareceu juntamente ao fim da *Belle Époque* (Griffin, 2003); assim, o imaginário artístico e literário passou por profundas transformações, alterando a imagem das meretrizes oitocentistas, tanto na literatura quanto nas ruas, para as novas figuras (Moraes, 2016). Nesse momento, surge *Bonequinha de Luxo*, visto que a protagonista Holly Golightly habita uma das avenidas mais sofisticadas do mundo, a 5^a avenida em Nova York, “a cidade que nunca dorme”. A partir desse cenário, haverá uma análise sobre como a construção da prostituta de luxo se difere ou se assemelha à figura da cortesã, tal qual a imagem da mulher pós-moderna é retratada na obra. Também há de se observar de que maneira a narrativa do século XX constrói essa figura, especialmente considerando que, com o avanço do movimento feminista, as mulheres passaram a assumir novas representações. Além disso, nessa época, começam a ser exploradas questões correlatas, negando a prostituição como uma condição marginalizada ou única opção de trabalho para as mulheres. Desta forma, entende-se que o meretrício também pode ser uma escolha – ou seja, as mulheres podem optar por estar na condição de prostitutas. Portanto, a prostituição não está com os seus dias contados, mas, sim, adapta-se às



novas exigências sociais (Souza, 2000). Para abordar essa discussão, serão utilizados pressupostos teóricos que abordam a Literatura Comparada, como os de Sandra Nitrini (1989), e o contexto da mulher na pós-modernidade. Por fim, ao longo de toda a análise, será constituída a caracterização dessas personagens, bem como suas relações com o ambiente, com foco nas grandes cidades em que habitam: Rio de Janeiro, Paris e Nova Iorque. O estudo entenderá essas mulheres marginalizadas como integrantes da paisagem dos centros urbanos, uma vez que as três obras literárias refletem as transformações sociais e econômicas das cidades e de seus respectivos períodos.

BIBLIOGRAFIA

- ADLER, Laure. **Os bordéis franceses (1830-1930)**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1991.
- ALENCAR, José de. **Lucíola**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- CAPOTE, Truman. **Bonequinha de luxo: breakfast at Tiffany's**. 1. ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2005.
- BEAUVOIR, Simone de. Prostitutas e hetairas. In: BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. p. 323-342.
- DUMAS FILHO, Alexandre. **A dama das camélias**. São Paulo: Martin Claret, 2021.
- GRIFFIN, Susan. **O livro das cortesãs: um catálogo das suas virtudes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- SANTOS, Cláudiana. A liberdade é uma vertigem: prostituição e lesbianidade na literatura do grande século XIX. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 24, n. 43, abr. 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/issue/view/12118>. Acesso em: 11 set. 2024.
- MORAES, Eliane. A figura poética da prostituta. [Entrevista concedida a] Christina Queiroz. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, 241. ed. mar. 2016. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-figura-poetica-da-prostituta/>. Acesso em: 21 out. 2024.
- MORAES, Eliane. Francesas nos trópicos: a prostituta como tópica literária. **Teresa**, São Paulo, n. 15, p. 165-178, dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/98606>. Acesso em: 21 out. 2024.





MORAES, Eliane. O decoro de uma prostituta. **Estudos Literários**, São Paulo, v. 6, n. 6, p. 287-307, mar. 2016.

NITRINI, Sandra. Lucíola e A dama das camélias. **Travessia**, São Paulo, v. 16-18, n. 16-18, p. 84-97, jan. 1989. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17457>. Acesso em: 21 out. 2024.

PEREIRA, Cristiana. “**Que tenhas teu corpo**”: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas. 2002. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). 1990. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e sexualidade. In: PRIORI, M. Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 484-507.

SOUSA, Francisca Ilnar de. **O cliente**: o outro lado da prostituição. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto. São Paulo: Annablume, 2000.

VIEIRA, Patrício. A prostituição feminina no século XIX: o olhar médico. In: **CONEDU**, n. 4, 2017, Campina Grande. Anais IV CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/35562>. Acesso em: 11 set. 2024.

WERNECK, Maria Helena. Mulheres e literatura no século XIX: o poder feminino sobre a pena dos escritores. **Repositório FGV de Periódicos e Revistas**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 19-30, abr. 1986.





A PIETÁ NA AUSÊNCIA DO CORPO: UM ESTUDO DE REBENTAR (2015), DE RAFAEL GALLO

Fernanda Aparecida de Freitas (Mestrado)
Alamir Aquino Corrêa (Orientador)
3º semestre – Previsão de defesa: abr/25

A presente pesquisa versa sobre o romance Rebentar (2015), do escritor paulista Rafael Gallo, cujo eixo central é o desaparecimento do filho da protagonista, Ângela. Objetiva-se um estudo da psicologia da personagem, considerando as dificuldades de se efetivar o luto em casos de desaparecimento e de se restabelecer no mundo na ausência do filho. A narrativa se constrói em uma lógica elegíaca, centralizando a perda como a motivação do discurso. Dessa forma, pretende-se compreender como a tematização da ausência afeta a construção da narrativa e o desenvolvimento da personagem, desde os primeiros momentos do desaparecimento do filho, até a renúncia às buscas, 30 anos depois. A pesquisa foi elaborada com base no projeto conduzido pelo professor Dr. Alamir Aquino Corrêa, registrado na CAPES como “Estética da perda e da ausência em romances brasileiros contemporâneos”, tendo Rebentar (2015) como parte de seu *corpus*. A trajetória emocional de Ângela é retratada no desafio de se refazer após o desaparecimento do filho Felipe, ainda na tenra idade, provocando uma inquietação sobre o seu estado, diante dos diversos desfechos possíveis para o seu desaparecimento. A possibilidade de retorno atormenta a mãe durante 30 anos, até que decide abandonar as buscas. Após a renúncia, Ângela tem que assumir a tarefa do luto, descrita por Freud (1917; 2006), ao reconhecer que o objeto amado não mais existe e retirar a libido da relação mantida com ele. Contudo, durante muito tempo, esta revisão de vínculo não é possível, porque a perda não era constatada como concreta. Os ritos têm uma importante função na concretização do luto (Ariès, 1975; 2003), auxiliando o ente querido na assimilação da perda e no seu processo de reconstrução, mas são impossibilitados em casos de desaparecimento devido à ausência do corpo. Ângela não se desvincula do filho desaparecido, tornando-se incapaz de concluir a tarefa do luto proposta por Freud (1917; 2006), pois não há um desapego do objeto amado, e sim um superinvestimento que não abre espaço para novas conexões e para a recuperação do enlutado. Conforme Bowlby (1920; 2004), os vínculos são essenciais para o desenvolvimento humano, e ser apartado da figura de apego é prejudicial para a segurança do sujeito, gerando traumas e impedindo a continuidade da vida na ausência do outro. O trauma tem como característica ser uma repetição do evento que desestrutura o sujeito. Para Caruth (1995) “[...] ser traumatizado é, precisamente, ser possuído por uma imagem ou evento” (p. 4-5, tradução minha). É assim que Ângela se mantém conectada ao filho, esperando o seu retorno durante anos e direcionando todos os seus esforços para uma recuperação que nunca é concretizada, revivendo o horror da sua ausência todos os dias. Ângela exibe um modelo de luto patológico, cuja característica é uma reação mal adaptativa à perda, sobrecarregando o sujeito emocionalmente e não progredindo rumo à aceitação



(Horowitz et al., 1990). Para Worden (2013), alguns dos fatores que acarretam a reação anormal ao luto são: a circunstância da perda e a natureza do vínculo mantido com o objeto de amor. Se a perda é incerta, como no desaparecimento, há um adiamento no processo de luto, o que leva o indivíduo a postergar suas reações e a esperar indefinidamente pelo retorno do ausente. Boss (1999) cunhou este tipo de luto como ambíguo, visto que há uma perda que não pode ser solucionada, gerando reações que oscilam entre resignação e esperança. Para Ângela, a cada possibilidade de reencontro com o filho, suas esperanças são revividas e destruídas na mesma intensidade. Outro aspecto dificultador do luto é a perda resultar de uma violência, como no desaparecimento. Embora não se saiba ao certo o desfecho da perda, o desaparecimento pode ser resultado de raptos, violências e abusos, tornando-se um trauma ainda maior quando estas possibilidades são consideradas e jamais descartadas. A intensidade do vínculo mantido com o objeto de amor também dificulta a elaboração da perda, sobretudo de um filho. O vínculo parental é marcado por expectativas, conforme Rando (1986), tornando a perda profundamente traumática, pois representa a perda de um futuro idealizado, a destruição da identidade parental e a falha do cuidador em proteger a sua prole, gerando prejuízos à autoestima. Isso é ainda mais evidente no caso das mães, devido às expectativas sociais que constituem a relação maternal. Conforme Badinter (1985) a maternidade se tornou alvo de um discurso também idealizado, centralizando na mãe as responsabilidades pelo cuidado com o filho. Os modelos de maternidade convencem a mulher a enxergar nesta tarefa uma “fonte de identidade” (Perrot, 2008, p. 68), entregando-se completamente às necessidades do filho. Como consequência, a mãe passa a se enxergar como inadequada sempre que rompe com as expectativas sociais e os modelos previamente impostos. A decisão de renúncia coloca Ângela em conflito com a imagem idealizada de maternidade, que exige devoção incondicional ao filho e uma perpetuação interminável de seu sofrimento. Outro aspecto do luto materno é o conflito de identidade desencadeado pela ausência do filho. Para Lacan (1949; 1998), a identificação com o Outro é a base para a formação do Eu. Quando perde seu referente, Ângela perde as bases para sua própria construção como sujeito e entra em conflito com sua imagem e a imagem inacessível do filho. Assim, a ausência se impõe como uma problemática, colocando em xeque o significante mãe sustentado pelo filho. Por outro lado, o significante filho se mantém por intermédio de Ângela, que repete e simula a presença de Felipe nos seus objetos e memórias. Contudo, este significante é um simulacro de um diálogo impossível, insuficiente para preencher o vazio deixado pela ausência dele. Quando renuncia às buscas pelo filho, Ângela enfrenta um processo de reconstrução, entrando em conflito com suas percepções sobre si, sobre o filho e sobre a passagem do tempo. Há na sua vivência de luto um conflito temporal, expresso em uma recusa de continuidade do tempo, na preservação da casa e do quarto de Felipe. Para ser capaz de prosseguir na ausência do filho, é preciso assimilar a perda como concreta e reorganizar suas expectativas, antes centradas no seu retorno. Assim, Ângela pode iniciar o processo de reconstrução e “encerrar o desaparecimento de si mesma” (Gallo, 2015, p. 374). O trabalho é estruturado em cinco capítulos: o capítulo I apresenta o romance e o escritor, evidenciando a experiência



estética da obra a partir da provocação emotiva a que se propõe. Para tanto, utilizei como aporte teórico os estudos de Caruth (1995) sobre o trauma e os estudos de Cândido (1975), Leite (1997) e Rosenfeld (1976) acerca da construção da personagem e do romance. O capítulo II discute o processo de busca pelo corpo e as dificuldades de realizar o processo de luto devido à natureza incerta do desaparecimento, gerando um modelo de luto complicado. Trato, portanto, da importância dos rituais para concretização da morte, conforme Genepp (1909;2012) e Ariès (1975; 2003), dos diversos modelos de luto, desde o luto conceituado por Freud (1917; 2004) até os modelos de luto complicado apresentado por Worden (2013) e Parkes (1998), e o luto ambíguo conceituado por Boss (1999). No capítulo III trato das particularidades do vínculo mantido entre mãe e filho, considerando as expectativas que recam sobre a figura parental, sobretudo a figura da mãe. Conceito vínculo e apego a partir de Bowlby (1920; 2004), discuto o luto parental a partir de Rando (1986) e problematizo o modelo de maternidade ideal, conforme o mito de amor materno de Badinter (1985). O capítulo IV traz uma perspectiva lacaniana do luto e discute o processo de construção do Eu a partir da relação de espelhamento mantida com o Outro (Lacan, 1949; 1998), problematizando a perda do filho como referente produtor de significantes, o que ocasiona uma crise de identidade vivenciada pela personagem. Para os estudos dos conceitos de estruturação do Eu utilizei o texto de Fink (1998) e de Freud (1920; 2007) como norteadores. O conflito temporal na vivência do desaparecimento, a recusa à continuidade do tempo e o trauma como repetição serão temas discutidos no capítulo V com base nos estudos de Kehl (2009), Fuchs (2018), Assis e Schollhammer (2013) e Seligmann-Silva (2002).

BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ASSIS, Laura; SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Narrando a queda**: temporalidade e trauma em um romance de Michel Laub. Revista Graphos, v. 15, n. 2, p. 57-62, 2013.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BOSS, Pauline. **Ambiguous loss**: Learning to live with unresolved grief. London: Harvard University Press, 1999.
- BOWLBY, John. **Apego e perda**: perda, tristeza e depressão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.





CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. *In: CANDIDO, Antonio. A personagem de ficção.* São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 53-80.

CARUTH, Cathy. **Trauma**: explorations in memory. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1995.

FINK, Bruce. O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. *In: FREUD, Sigmund. Escritos sobre a psicologia do inconsciente.* Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 2, p. 98-122.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id. *In: FREUD, Sigmund. Escritos sobre a psicologia do inconsciente.* Rio de Janeiro: Imago, 2007, v. 3, p. 13-66.

FUCHS, Thomas. Presence in absence: the ambiguous phenomenology of grief. **Phenomenology and the Cognitive Sciences**, Oxford, v. 17, n. 1, p. 43-63, 2018.

GALLO, Rafael. **Rebentar**. Rio de Janeiro: Récord, 2015.

GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2012.

HOROWITZ, Mardi J. *et al.* Pathological grief and the activation of latent self-images. **The American journal of psychiatry**, v. 137, n. 10, p. 1157-1152, 1980.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2015.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. O foco narrativo. São Paulo: Ática, 1997.

PARKES, Colin Murray. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

RANDO, Therese. **Parental loss of a child**. Champaign: Research Press, 1986.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. *In: CANDIDO, Antonio. A personagem de ficção.* São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 11-49.





SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e trauma. **Pro-positões**, v. 13, n. 3, p. 135-153, 2002.

WORDEN, William. **Aconselhamento do luto e terapia do luto**: um manual para profissionais da saúde mental. São Paulo: Roca, 2013.





CAMINHOS DE FERRO E SAUDADE: O CAIPIRA, A LOCOMOTIVA E A MODERNIZAÇÃO

Giovane Sgarbossa Mossambani (Doutorado)
Cláudia Camardella Rio Doce (Orientadora)
3º semestre – Previsão de defesa: fev/2027

Este trabalho em andamento tem percorrido diferentes trilhos, os quais possuem em comum a presença, em seu caminho, de alguns elementos recorrentes, dentre os quais, o mais saliente é o *caipira*. Talvez seja possível afirmar que a centralidade da produção se dá em algum lugar entre a invenção da locomotiva a vapor, que ao ingressar no Brasil trouxe a possibilidade de migração rápida e massificada e, portanto, foi o veículo que transportou o caipira para a cidade; e a transição entre a música caipira e a moderna indústria do sertanejo *pop*, resultado dessa transfusão. A produção artística brasileira é repleta de representações do trabalhador do campo de diversas naturezas. Isso não surpreende, uma vez que a efetiva urbanização do Brasil ocorreu apenas na segunda metade do século XX e, até hoje, a economia brasileira primário-exportadora tem na vanguarda de seu comércio produtos com origem no campo. De Almeida Junior a Mazzaropi, passando por Monteiro Lobato, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos, tratamentos diversos foram dados, nas artes, aos habitantes rurais. O trabalhador do campo pode ser ora o *caipira*, ora o *caboclo* e, não raro, uma categoria indefinida entre essas duas. O termo “*caboclo*” é usualmente destinado a tratar do sertanejo com origem na mestiçagem entre o branco europeu e o indígena brasileiro, principalmente das regiões norte e nordeste do país. Para Monteiro Lobato, cuja produção está sendo estudada nesta pesquisa, a questão racial era determinante ao tratar dos costumes e comportamentos do homem do campo: o escritor trata, em *Urupês*, conto publicado originalmente em 1914, da diferença do *caboclo* em relação ao “*mulato*”, mestiço brasileiro de origem africana e europeia. “*Caboclo*”, portanto, no texto de Lobato, aparece de modo a evidenciar os hábitos e características de um grupo racial. O imaginário a respeito do “*caboclo*”, todavia, pode ser associado com aquele sobre o “*caipira*”, que não necessariamente diz respeito ao mesmo contexto geográfico e “racial” do *caboclo*. Usualmente, o termo “*caipira*” trata do habitante rural das regiões sul e sudeste do país, e pode ser associado aos habitantes dos interiores de Minas Gerais, São Paulo e Paraná, mas não apenas. Ambos os habitantes do universo rural brasileiro, *caboclo* e *caipira* são fundidos e confundidos em certas obras, a exemplo de *Jeca Tatu*, de Amácio Mazzaropi, filme de 1959, que, inspirado na obra de Lobato, trata do *caipira* como análogo ao *caboclo* ideal apresentado em *Urupês*. Estabelecida a centralidade no imaginário artístico a respeito do *caipira*, pode-se observar alguns dos caminhos pelos quais esta pesquisa transitou: 1 – *O boom bap e a viola: uma análise comparativa entre o rap e a música caipira*. Esta seção da pesquisa buscou demonstrar determinados índices de oralidade presentes tanto no rap quanto na música caipira que revelam semelhanças dessas produções em suas formas e origens. Paul Zumthor define

A reproduction of Vincent van Gogh's painting "Starry Night". It depicts a dark, swirling sky filled with numerous small, yellow and white stars. Below the sky, a town with several buildings is nestled among rolling hills. The hills are covered in dense, dark green vegetation. In the foreground, a path leads towards a small, simple house with a chimney. The overall style is characterized by thick, expressive brushstrokes and a dreamlike, atmospheric quality.

“índice de oralidade” como “tudo o que, no interior de um texto, informa-nos sobre a intervenção da voz humana em sua publicação” (Zumthor, 1993, p. 35). São os indícios da voz humana nos textos decorrentes tanto da cultura caipira quanto do hip-hop que demonstram que uma certa lógica da oralidade está na origem de ambas as culturas, são elementos como: utilização de fórmulas introdutórias, sublinhamento da vocalidade, lógica de perguntas e respostas, entre outros. A forma com a qual esses elementos são presentes, tanto no rap quanto na música caipira já urbanizada, pode revelar semelhanças entre as duas culturas: ambas, em suas origens ou momentos de maior expressão, são frutos de estratos sociais marginalizados, racializados e aos quais foram impostas condições precárias de vida. 2 – *De Urupês a Água Funda: representações do trabalhador rural brasileiro na literatura*. Essa seção buscou entender as diferenças entre o caipira retratado por Lobato, o Jeca Tatu, que se tornou símbolo dessa categoria, por assim dizer; e a sociedade rural escrita por Ruth Guimarães no romance *Água Funda*, de 1946. Ao passo que Lobato tece suas percepções a partir de ideologias da metrópole, Guimarães parece compreender a posição do brasileiro periférico enquanto um “outro” em relação a ela: a obra tem sua centralidade nas histórias aconcedidas na fictícia fazenda “Olhos d’Água”, que, embora de maneira não explícita, entende-se tratar de uma propriedade no Vale do Paraíba, provavelmente no estado de Minas Gerais. Enquanto o narrador de *Urupês*, como o próprio Lobato, herdeiro de latifúndio, se coloca distante da perspectiva do trabalhador rural e, ao contrário, faz dele uma descrição distanciada e estereotipada, o narrador de *Água Funda*, que, como Ruth Guimarães, faz parte do universo por ele narrado, expõe ao leitor sua perspectiva dos eventos a partir de sua cosmovisão: essa “encantada”, repleta de crenças das mais diversas matrizes, mas com alguma dose comedida de ceticismo. Isso é observável logo no início do texto, em trechos como: “Dizem que esta casa é assombrada por causa do terreirão, onde os negros morriam debaixo de açoite. Muitos não acreditam. São abusantes. Pode ser e pode não ser” (Guimarães, 2003, p. 18, grifo nosso). 3 – *Caminhos de ferro e saudade: o trem como símbolo de transformação e perda cultural no imaginário caipira a partir da música Mala Amarela*. Por último, nos interessa investigar como o processo de modernização do Brasil fez do caipira uma figura sem lugar, não pertencente. Foi utilizada como locomotiva dessa discussão a figura do trem. O trem, veículo que se poderia ter como promotor de integração territorial nacional na primeira metade do século passado, aparece nas artes brasileiras, não raro, como um elemento de separação e ruptura. É o caso de *Noturno*, breve poema de Oswald de Andrade, publicado originalmente em 1927, e da música *Mala Amarela*, lançada pela primeira vez em 2004 na voz de Otávio Augusto e Gabriel. A música narra a trajetória de um eu lírico que se afasta do ambiente rural em direção à cidade, entende-se que a história se passa em algum lugar interiorano do eixo sul-sudeste, possivelmente na primeira metade do século XX, uma vez que a ferrovia se mostra na canção como principal vetor de migração do campo para a cidade e que o tema central é o mesmo de tantas produções que narram a relação do caipira com o ambiente urbano em meados do século passado: a nostalgia do “mato”. O trem, tanto no poema quanto na música, serve como metáfora para a passagem do tempo e a inevitabilidade do “progresso”. Em ambos



os casos, há uma tensão entre o desejo de avanço e a nostalgia pelo que é deixado para trás. No poema de Oswald, o trem é uma linha divisória que corta o país e a identidade nacional, demarcando um antes e um depois, um lá e um cá, enquanto em *Mala Amarela*, ele é o veículo que leva o protagonista para um novo destino, mas também é um vetor de saudade. A modernização, representada pelo trem, não é apenas uma mudança técnica ou econômica, mas também uma transformação cultural e social que envolve a renegociação de identidades e valores. O trem, nesse sentido, pode ser visto como um agente de mudança, que carrega consigo tanto a promessa de um futuro melhor quanto a perda de uma certa autenticidade e simplicidade da vida rural, ainda que, na música e na literatura, idealizadas.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, O. **Poesias reunidas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. Café com pão: o trem como uma metáfora na cultura novecentista brasileira. In: VON BRUNN, Albert (org.). **Trilhos na Cabeça**: o tema ferroviário na literatura brasileira antologia. Messina: Edas, 2003. p. 5-20.

GUIMARÃES, Ruth. **Água funda**. Nova Fronteira, 2003.

LOBATO, Monteiro. **Urupês** [conto]. Biblioteca Azul, São Paulo. 2012.

PARAÍSO. LETRA por Paraíso; MÚSICA por José Caetano Erba. *Mala Amarela*. In: OTAVIANO AUGUSTO E GABRIEL. **Mala Amarela** [CD]. São Paulo: Atração Fonográfica, 2003.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: a “literatura medieval”. São Paulo, Companhia das Letras, 1993. Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira.





STELA DO PATROCÍNIO: UMA POESIA DA EXISTÊNCIA

Caio José Fonteque Gaspar (Mestrado)
Regina Célia dos Santos Alves (Orientadora)
3º Semestre – Previsão de defesa: jun/2025

A pesquisa tem como objeto a obra *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (2001), de Stela do Patrocínio, organizada por Viviane Mosé. A obra tem origem em quatro arquivos de áudios de diálogos/entrevistas/depoimentos que a própria Stela denominava *falatórios*, gravados na Colônia Juliano Moreira, onde Stela passou involuntariamente cerca de 30 dos seus últimos anos. Esse material foi, posteriormente, transposto por Viviane Mosé para o registro escrito, em forma de poemas versificados e organizados tematicamente. Nossa opção de trabalho será com material escrito – e não com gravado, que já conta com um estudo feito por Bruna Beber em 2017 – por entendermos que o texto escrito apresenta particularidades importantes e tem a possibilidade de maior circulação, sendo essa a fonte de maior visibilidade para a produção de Stela do Patrocínio. No processo de elaboração do texto escrito, entendemos que Viviane Mosé atravessa e participa da recepção e da fatura da obra em questão, porém sua atuação se dá como mediadora cultural, que utiliza de sua posição como intelectual e acadêmica, mais bem colocada em relação à cultura formal escrita, e transpõe os áudios para a forma de poemas, preocupando-se em conservar o máximo possível da natureza linguística e expressiva de Stela do Patrocínio. Sendo assim, através dessa ação, Viviane Mosé possibilita que a voz de Stela supere os muros do manicômio e ateste uma experiência e existência que revela uma realidade que precisa sair do silenciamento e invisibilidade. *Reino dos Bichos e dos Animais* é a permanência da voz de um corpo negro, feminino e tido como louco, que encontrou na palavra a possibilidade do horizonte e, por meio dela, uma forma de manifestar sua existência como corpo que experencia e participa do mundo. O sistema de saúde psiquiátrico foi e é uma das ferramentas de silenciamento e descredibilização da voz de corpos não hegemônicos. Obras como a de Stela do Patrocínio necessita de visibilidade e de atuação pós e decolonialista no sentido de proporcionar o devido espaço e meios para que sejam ouvidas (Spivak, 2010, p. 14). Dessa forma, é o ouvir a voz de Stela que nos permite inferir sua existência para além do pragmatismo registrual de um prontuário, pois passa a existir como um corpo que, apesar de enclausurado, não é apartado do mundo. Ao contrário, o sente, o percebe e escolhe a linguagem para expressá-lo à sua maneira. Ademais o valor histórico político e social permeados pelo discorrido acima, temos na obra *Reino dos Bichos e dos Animais é o meu Nome* expressivo valor poético e literário visto a complexidade de seu processo de produção e, principalmente, pela consciência de Stela da escolha e do uso poético que fazia das palavras (Mosé, 2001, apud Patrocínio, 2001, p. 20). Embora a obra em questão apresente-se em formato de poemas, versificados e metrificados por Viviane Mosé, já que a obra resulta das “falações” de Stela, acreditamos que o aspecto formal do texto escrito não atesta, por si



só, a sua condição de poesia, já que esta não se define primordialmente por aspectos formais como versos, metros e rimas, por exemplo. Nesse sentido, nosso objetivo com o presente trabalho é, a partir da obra publicada, investigar o estado de poesia presente nos textos de Stela do Patrocínio para além da forma poema, como aparece na transposição feita de Mosé. Para a elaboração de nosso pensamento acerca de *Reino dos Bichos e dos Animais*, partiremos, fundamentalmente, das reflexões sobre poesia elaborados por Michel Collot e presentes em *A matéria-emoção* (2020). Essa obra norteará nossas considerações e a maneira como pretendemos abordar analiticamente a obra de Stela do Patrocínio. Para o escritor francês, a poesia é compreendida como expressão da linguagem das emoções de um corpo que sente e experencia viver o mundo, sendo o poema a síntese da expressão de um sujeito, a construção de uma imagem do mundo e a elaboração de uma forma verbal (2020, p. 18). Nessa direção, acreditamos poder pensar o estado poético na obra de Stela do Patrocínio no âmbito dos parâmetros *eu, mundo e palavra*, categorias expostas por Collot e que nos parecem bastante apropriadas para encaminhar a análise pretendida da obra. Nossa intenção de leitura encontra respaldo inclusive no prefácio de Viviane Mosé a *Reino dos Bichos*. De acordo com Mosé, a divisão da obra aponta para três aspectos fundamentais: a) a maneira como Stela expressa sua própria pessoalidade e história; b) a percepção de Stela acerca de sua realidade; e c) a maneira como Stela vê o seu próprio fazer poético. Tais aspectos, a nosso ver, dialogam de perto com os parâmetros *eu, mundo e palavra*, basilares para o estado de poesia, de acordo com Michel Collot. Além da contribuição fundamental de Collot para o pensar a poesia e para o norteamento de nossa leitura da obra de Stela do Patrocínio, outros autores também serão trazidos para embasar as reflexões sobre o estado de poesia, como Octavio Paz (*O arco e a lira*), Emil Staiger (*Conceitos fundamentais de poética*), Mikel Dufrenne (*O poético*), Paul Zumthor (*A letra e a voz*), Havelock (*Prefácio a Platão*), T. S. Eliot (*A essência da poesia*) e Benedito Nunes (*Passagem para o poético*). Para o desenvolvimento da pesquisa proposta, o trabalho, até o momento, está estruturado em dois capítulos, além da Introdução e da Conclusão. O primeiro capítulo, “Voz e criação: a poesia singular de Stela do Patrocínio”, está dividido em dois subcapítulos: “A voz transposta: processos de criação e autoria”, que discorrerá sobre o processo de criação e elaboração de *Reino dos Bichos e dos Animais é o meu Nome*, sobretudo no desenvolvimento de reflexões acerca da autoria, tendo como embasamento teórico Michel Foucault (“O que é um autor?”), Roger Chartier (*O que é um autor?*), Roland Barthes (“A morte do autor”) e Mikhail Bakhtin (*Estética da criação verbal*), e “Poesia da existência: o estado poético de Stela do Patrocínio”, que tem por objetivo promover uma reflexão sobre o estado poético a partir dos autores já mencionados no intuito de compreender como se manifesta na obra em questão. O último capítulo, ainda sem título definido, dedica-se à análise de *Reino dos Bichos* e está dividido em três partes: “O Eu, a expressão de um sujeito”; “O mundo: o aprisionamento manicomial”; e “A palavra: a experiência de um corpo vivo e o vislumbre de um horizonte pela linguagem poética”. Segundo esses parâmetros norteadores, acredita-se que os poemas contidos na obra revelem não só uma experiência interior vivenciada por Stela, mas também toda a complexidade da



condição e do espaço que sentia e percebia. Mais ainda, é esperado compreender em Stela e sua poesia como a palavra e a linguagem possuem o potencial poético para serem o vislumbre do horizonte necessário para o exercício da existência, da tentativa de habitar o mundo de que dispõe. No momento, o trabalho encontra-se em fase de redação do primeiro capítulo.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____. **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004, p. 57-64.

BEBER, Bruna. **Uma encarnação encarnada em mim**. José Olympio, 2022.

CHARTIER, Roger. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. Trad. Luzmara Curcino e Carlos Eduardo Bezerra. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

COLLOT, Michel. **A matéria-emoção**. Oficina Raquel, 2020.

DUFRENNE, Mikel. **O poético**. Porto Alegre: Globo, 1969.

ELIOT, T. S. **A essência da poesia**. Rio de Janeiro: Arte nova, 1972.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Coleção Ditos & Escritos III. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 264-298.

HAVELOCK, Eric Alfred. **Prefácio a Platão**. Trad. Enid A. Dobránsky. Campinas: Papirus, 1996.

MOSÉ, Viviane. Prefácio. In: PATROCÍNIO, Stela do. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. Org. e apr. Viviane Mosé. Rio de Janeiro: Azougue, 2001.

NUNES, Benedito. **Passagem para o poético**. Filosofia e poesia em Heidegger. São Paulo: Ática 1992.





PATROCÍNIO, Stela do. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome.** Org. e apr. Viviane Mosé. Rio de Janeiro: Azougue, 2001.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2010.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. Tradução de Celeste Aída Galeão.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz:** a literatura medieval. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.





O ARQUÉTIPO DO SELF EM *MOBY DICK*: UMA LEITURA DE MELVILLE À LUZ DE C. G. JUNG E SHAKESPEARE

Vivian Batista Gombi (Doutorado)

Cláudia Camardella Rio Doce (Orientadora)

3º semestre – Previsão de defesa: fev/2027

Este projeto tem como objetivo desenvolver uma leitura da obra *Moby Dick* (1851), escrita pelo norte-americano Herman Melville, com base em categorias centrais da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, especialmente o seu conceito de arquétipo do Self. A pesquisa também explorará a relação entre *Moby Dick* e as obras de William Shakespeare, uma vez que Melville foi profundamente influenciado por Shakespeare em aspectos como a linguagem, a estrutura dramática e, principalmente, a profundidade filosófica de seus personagens. A conexão com o dramaturgo oferece uma perspectiva analítica interessante sobre a complexidade psicológica e moral dos personagens de Melville, fornecendo fundamentos teóricos para interpretar o conceito de Self no romance. A escolha de centralizar esta pesquisa no conceito junguiano de Self se baseia em duas razões principais. Primeiramente, essa abordagem permite explorar a complexidade que Melville confere aos personagens de *Moby Dick*, especialmente ao retratar figuras com grande profundidade e ambiguidade psicológica. A segunda razão está relacionada à psicologia analítica de Jung, em que o conceito de Self é central na constituição da psique. Em relação à primeira motivação, destaca-se a análise do personagem Ahab, que, em sua obsessão pela baleia branca, personifica uma ambiguidade única: ele é um capitão irracional, movido pela vingança, mas também simboliza a busca humana por significado em um mundo indiferente. Embora dominado por suas sombras, Ahab demonstra uma forte vontade em afirmar seu livre-arbítrio contra uma força sobre-humana aparentemente intransponível. Essa luta para não se render ao destino e exercer a liberdade é uma característica profundamente humana, levantando uma questão fundamental da existência abordada de modo central por Shakespeare. Além de conter referências diretas e indiretas a Shakespeare em *Moby Dick*, a complexidade filosófica de seus personagens evidencia a grande influência do dramaturgo na obra. O personagem Ahab é atormentado por questões existenciais como o sentido da vida, a luta contra forças maiores e a inevitabilidade do destino, características semelhantes às de Hamlet, que também enfrenta dilemas filosóficos. A influência de Shakespeare sobre *Moby Dick* tem sido amplamente debatida e estudada por diversos críticos literários ao longo dos anos. Figuras como Harold Bloom, Francis Otto Matthiessen, Charles Olson, Andrew Delbanco, entre outros, contribuíram para o entendimento de como Melville se inspirou nas técnicas dramáticas, no estilo linguístico e nos temas filosóficos de Shakespeare, transformando-os em uma obra de magnitude épica e tragicidade comparável às grandes tragédias shakesperianas. A obra de Shakespeare aborda a transição do mundo medieval para o moderno, revelando como o desejo molda a subjetividade psicológica e política. Ele expõe dualidades e conflitos



humanos sobre o controle do destino e a imposição da vontade, algo que também está presente em Melville. Ambos evitam julgamentos morais simples: ao ler *Macbeth*, o leitor pode sentir certa empatia pelo personagem, e o mesmo ocorre com Ahab. Nem Shakespeare nem Melville reprimem as sombras de seus personagens; ao contrário, seus protagonistas assumem sentimentos profundos e perturbadores, desafiando interpretações simplistas baseadas em valores morais fixos. Não é à toa que o crítico literário Harold Bloom vê Ahab como um herói trágico. Sua obsessão com a baleia o coloca em rota de colisão com seu destino, assim como personagens trágicos de Shakespeare, que não conseguem escapar das consequências de suas ações e paixões. A tragédia de Ahab está na incapacidade de se desviar de sua busca vingativa, tal como Otelo não pode escapar de seu ciúme, ou *Macbeth* de sua ambição. Apesar das semelhanças, Shakespeare e Melville viveram em momentos históricos diferentes. O que pode ser percebido na diferença de enfoque: Shakespeare centraliza a ação em seus enredos, enquanto Melville foca mais na reflexão e na interioridade dos personagens. Considerando este enfoque na interioridade, pode-se perceber uma relevância maior da perspectiva da Psicologia Analítica de Jung na análise de *Moby Dick*. O conceito junguiano de Self, que abrange tanto os aspectos conscientes quanto os inconscientes da personalidade, parece ser uma chave teórica profícua na investigação da profundidade psicológica dos personagens da obra. De acordo com Jung, o Self é um princípio unificador que integra opostos e conflitos internos, ajudando a organizar a personalidade e oferecendo condições para que o indivíduo busque sua autorrealização. Nesse processo, a energia psíquica do inconsciente flui para a consciência através do ego, que, ao se voltar para o Self, inicia o processo de individuação e caminha em direção à totalidade. Além disso, o conceito de Self permite conectar os processos individuais aos movimentos coletivos em larga escala. Embora haja quem restrinja a visão de Jung à psique individual, a individuação, segundo ele, está profundamente ligada a processos sociais. O desenvolvimento individual só se completa em um contexto social e cultural. A realização plena do Self não beneficia apenas o indivíduo, mas também a sociedade. No caso do personagem Ahab, sua busca individual e suas ações acabam trazendo consequências trágicas para o navio *Pequod*, ilustrando como o impacto da ação individual pode repercutir no coletivo. Sendo assim, a psicologia analítica de Jung oferece boas ferramentas teóricas de análise da complexa narrativa de *Moby Dick*, especialmente no que tange aos temas abordados, à ampla utilização dos símbolos (inclusive provenientes do cristianismo, muito estudados por Jung) e, principalmente, à interpretação da função narrativa dos personagens na obra. Acerca disso, trata-se de investigar com mais cuidado a noção de “herói trágico” no bojo da fortuna crítica do que é conhecido como “jornada do herói”. Sobre este último ponto, é importante ressaltar a relevância teórica do conceito junguiano de arquétipo dentro da temática da “jornada do herói”. Neste sentido, este projeto tem desenvolvido um levantamento e análise bibliográfica de teóricos como Joseph Campbell, Christopher Vogler, Northrop Frye, entre outros, que deverá ser finalizado no próximo semestre. O interesse é o de posicionar de forma mais elaborada e clara a noção de arquétipo de Jung em meio a essas relevantes contribuições teóricas a respeito do tema. Diante do exposto, pode-se





perceber que tanto Jung quanto Melville exploram as polaridades e tensões entre o consciente e o inconsciente, entre a razão e os instintos, e entre o indivíduo e o coletivo. Portanto, tanto a categoria junguiana do arquétipo do Self, como também o exame da influência de Shakespeare na obra de Melville oferece grandes possibilidades de interpretação de *Moby Dick*, a serem melhor desenvolvidas no decorrer da pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

BLOOM, Harold. **O Cânone Americano**: o espírito criativo e a grande literatura. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2017.

BLUMENTHAL, Rachel. **Herman Melville's politics of imperialism**: colonizing and de-colonizing spaces of ethnicity. *Vanderbilt Undergraduate Research Journal*, v. 2, n. 1., Vanderbilt University, 2006.

CANDIDO, Antonio. *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

COLCORD, Lincoln. Notes on *Moby Dick*. In: BLOOM, Harold. (ed.). **Bloom's classic critical views**: Herman Melville. New York: Infobase Publishing, 2008. p. 106-117.

EDINGER, Edward F. **Melville's Moby-Dick**: A Jungian Commentary: An American Nekyia. New York: New Directions Pub. Corp. 1978.

FERRAZ, Heitor. Herman Melville e *Moby Dick*: vida e obra. In: MELVILLE, Herman. **Moby Dick**. Tradução Berenice Xavier. São Paulo: Abril: 2010. Clássicos Abril Coleções, v. 15. p. 415-428.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**: quatro ensaios. Trad. Marcus de Martini. São Paulo: Realizações Editora, 2014.

GAMBAROTTO, Bruno. **Modernidade e mistificação em Moby-Dick, de Herman Melville**. 2012. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.8.2012.tde-14032013-104328.

JUNG, C. G. **Aion**. Princeton, NJ: Princeton University, 1959.

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1975. (1961).





KAZIN, Alfred. Introduction to Moby-Dick. In: BLOOM, Harold (Org). **Herman Melville's Moby-Dick**. Updated edition. Nova Iorque: Infobase Publishing, 2007, p. 7-18.

MELVILLE, Herman. **Moby Dick, ou a Baleia**. Trad. Irene Hirsch e Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Editora 34, 2019.

MELVILLE, Herman. **Moby-Dick – or, The Whale**. London: Penguin Books, 2003.

MELVILLE, Herman. **Bartleby, o Escrevente**. Tradução de Bruno Gambarotto. São Paulo: Grua Livros, 2014.

SHAKESPEARE, William. **Teatro completo: Tragédias e comédias sombrias** (Tradução de Bárbara Heliodora). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2006.

SANBORN, Geoffrey. **The Value of Herman Melville**. New York: Cambridge University Press, 2018.

SANTOS, William Carlos Dantas dos. **O arpão obsessivo: Moby Dick e a vingança de Ahab**. Guarabira: UEPB, 2011.

SMITH, Henry Nash. The Madness of Ahab. In: BLOOM, Harold (Org). **Herman Melville's Moby-Dick**. Updated edition. Nova Iorque: Infobase Publishing, 2007. p. 117-132.





ESCREVER COM, PARA, APESAR DO OUTRO: PODER, AUTONOMIA E COMUNICAÇÃO DENTRO E FORA DO PROMIC

Amanda Maria Damasio Teixeira (Doutorado)
Frederico Garcia Fernandes (Orientador)
5º Semestre – Previsão de defesa: fev/2026

A partir das leituras de Bourdieu (1996), sabe-se que a produção cultural depende de muitas variáveis materiais e sociais para se tornar visível e fazer parte do campo de produção literária. Este trabalho parte da tese de que, ao publicar um livro, um escritor é afetado por noções de autonomia, poder e comunicação. Logo, o objetivo em questão é investigar de quais maneiras a produção e visibilização de autores, promovidas pelo PROMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura) ou não, reverberam os conceitos citados acima. Isso será feito por meio da análise de formulários e entrevistas com autores, além de levantamentos de dados em torno dos projetos de literatura viabilizados. Anteriormente, esta tese buscava entender o desamparo dos escritores no seu processo criativo, utilizando como base os escritos de Vladimir Safatle, psicanalista e filósofo chileno (2020). Tal configuração mostrou-se insuficiente em diversos momentos, inclusive em SEDAS anteriores e orientações, principalmente por falta de arcabouço teórico em torno das teorias de Safatle. Eram todas muito recentes e pouco discutidas. Esta nova formulação é mais bem estruturada, baseada em conceitos já mais cristalizados, como autonomia e poder, emprestados diretamente de Pierre Bourdieu (1996). Além disso, foi construída mais próxima das compreensões retiradas dos trabalhos anteriores, da iniciação científica ao mestrado, que desde então buscaram demonstrar os efeitos do PROMIC na literatura local. Nestes estudos, foi possível enxergar um padrão: quase sempre um autor descrevia sua experiência levando em conta a instância *relacional* da publicação de livro, do encontro com possíveis leitores ou discussões que nasciam em pleno lançamento. Desta forma, parece interessante apontar que a publicação de um livro parte também da vontade de comunicar. É, ainda, importante traçar linhas em torno das condições de produção da literatura contemporânea no Brasil, especialmente fora do eixo Rio – São Paulo. O trabalho se debruçará principalmente diante de livros publicados por meio de políticas públicas locais, mas não só isso: haverá inserções pontuais de autores de outras áreas (como os entrevistados Rafael Gallo e Wellington de Mello) e de formulários aplicados pelo próprio projeto de pesquisa que abrangearam todo o país. Assim, torna-se possível entender também essas reverberações fora dos limites de Londrina e do PROMIC. Nessa mesma linha, é preciso falar daqueles que a política pública não atende: que meios usam, então, para publicar-se? Qual é o grau de autonomia desses sujeitos? Sem a política pública, não há vácuo; alguma organização substitui esse espaço de produção. Verificou-se, muitas vezes, que ela toma a forma de uma rede afetiva: coletivos poéticos, saraus e editoras independentes se organizam para publicar de maneira colaborativa. Quais são as diferenças entre a publicação via edital e a publicação na rua,



com apoio de uma comunidade? Como isso afeta a produção do livro em si e a recepção dele? Tais questões foram formuladas a partir das leituras dos dois principais teóricos desta tese, Pierre Bourdieu, em *As regras da arte* (1996), e Luciana Di Leone (2014), com a obra *Poesia e escolhas afetivas: edição e escrita na poesia contemporânea*. Autonomia e poder estão muito presentes na obra do sociólogo francês. Mas ele também não deixa de abordar a comunicação e o Outro: para o autor, os sujeitos em torno do livro também participam da criação de valor desse mesmo. Segundo ele, o campo de produção literária é um espaço competitivo entre várias forças, no qual, por exemplo, um indivíduo com mais contatos (capital social) ou consagração (capital simbólico) obtém mais poder, percorrendo-o de forma mais tranquila. É interessante notar que ambas as características podem estar bastante ligadas às políticas públicas. Já que toma o formato de mapa, no campo há sempre direções opostas, e assim um escritor produz sempre tomando uma posição, que significa política e afetivamente, se encaixando entre organizações de poder maiores ou menores. Essas reflexões também recaem sobre a obra de Luciana Di Leone (2014), professora e teórica argentina, para quem é preciso compreender o papel do Outro nestes processos. A escrita publicada sempre pressupõe alguma comunicação, algum encontro ou desencontro com o Outro. Busca-se, assim, entender quais tipos de relação coletiva existem em torno de produzir e visibilizar um livro, dentro e fora de órgãos públicos. Em sua obra, Di Leone (2014) aborda as editoras de poesia que agem em sentidos mais coletivos ou afetivos. Assim, convidamos para a última parte do trabalho a presença da Outra, editora independente criada pela autora desta tese que, por meio de Oficinas de Escrita Literária, publicou de forma mais acessível 27 novos autores locais no último ano, que também foram entrevistados. Trata-se de uma experiência que explora as teorias ali postas, refletindo de forma mais concreta o campo do poder e da afetividade, já que a visão da editora é propor modelos de escrita em conjunto, sem apoio público. Alguns dos livros publicados nesta via, então, serão analisados ao fim da tese, para procurar demonstrar os conceitos de comunicação, poder e autonomia dentro dos próprios textos literários. O trabalho, então, será dividido em quatro capítulos. No primeiro, essas ideias principais serão bastante esclarecidas para que, ao longo da tese, sejam compreendidas de forma rápida e fácil. O objetivo desta primeira parte é questionar, afinal, para quê se escreve, para quem se escreve, explorando as ideias de com (em conjunto), apesar de (em contrariedade) e para (em compartilhamento, com um objetivo específico), forças que sempre aparecem e reaparecem em formulários, textos literários e entrevistas com autores. É importante deixar claro que, quando se fala aqui de publicação, nos referimos à viabilização física da obra, seja ela qual for, para evitar entrar na seara dos e-books, o que renderia uma outra tese à parte. No segundo capítulo, tratar-se-á sobre a presença do Outro na política pública. Pretende-se compreender como um autor de um livro viabilizado pelo PROMIC entende os conceitos de autonomia e poder, sem deixar o Outro de fora. Depois, no terceiro capítulo, o foco são os grupos que se organizam fora do que estamos chamando de política pública. Ela, sendo limitada por natureza, não pode responder a todos: e especialmente não pode atender a todos os tipos de textos e tomadas de posição. Sendo assim, analisaremos alguns casos de organizações, coletivos





e saraus que não dependem de verba pública para sobreviver e, assim, ocupam outros espaços no campo de produção literária e inserem outros textos nele. Por fim, no capítulo final, analisaremos os textos produzidos nessas oficinas, sempre tentando conectá-lo às teorias citadas anteriormente. Espera-se, então, criar um trabalho que faça possível a compreensão do campo de produção literária como um espaço de poder e de relações, demonstrando quais possibilidades um autor tem dentro da política pública e fora dela, lembrando também da literatura como uma forma de arte coletiva e relacional.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LEONE, Luciana di. **Poesia e escolhas afetivas**: edição e escrita na poesia contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

